

TRIBUZI, PRÍNCIPE DO VAI-E-VOLTA

ROSSINI CORRÊA

Bandeira Tribuzi, quer de uma perspectiva marxista, quer de uma perspectiva orteguiana, personificou o cientista e o literato a estabelecer o difícil diálogo do agente da história com os pesados condicionamentos estruturais. Homem de uma geração marcada pelos horrores da II. Guerra Mundial e as esperanças nunca realizadas de uma sociedade brasileira soberana, desenvolvida e democrática, desenhou sua trajetória biográfica, ainda que controvertida, como o combatente de uma antevisão humanista, sob a qual procurou inspirar o tempo presente, demonstrando sua necessidade e sua viabilidade aos forjadores do amanhã, que anunciava do ângulo do filomarxismo eclético, em uma composição do marxismo, na economia, do liberalismo, na política e do cristianismo, na ideologia. Sem justificá-la, a opção heterodoxa, em si mesma, não foi um privilégio tribuziano, visível que esteve no marxismo de Georg Lukács, em contacto com Max Weber e no weberianismo de Karl Mannheim, em contacto com Karl Marx.

Aquele que tenha a vagorosa preocupação de investigar a unidade de pensamento nos escritos tribuzianos, encontrará, sem embargo, o fio condutor do sentido ético da justiça, distribuída no compasso de uma extrema aspiração à liberdade, semelhante àquela observada em renomados socialistas pré-marxistas, originários da Revolução Francesa, como Gracus Babeuf, Charles Fourier, Auguste Blanqui e Henri Saint-Simon.

Para interpretar Bandeira Tribuzi é necessária, com efeito, a satisfação de múltiplas exigências, não apenas porque múltiplo foi o seu talento de poeta, ensaísta, ficcionista, teatrólogo, compositor, jornalista e economista, mas, porque vivenciou o claro-escuro de

contextos vibrantes e polémicos, do modernismo ao planejamento de Estado, experimentados pela "Geração de 45", no Maranhão, a qual Lago Burnett considerou brilhante, destacando-lhe as lideranças fundamentais dos autores de *Pele e Osso* e *Clamor da Hora Presente*. Quanto ao nosso tardio modernismo, foi o seu destacado articulador, como não deixa dúvida o depoimento do documentado escritor Josué Montello, envolvido com o *Cenáculo Graça Aranha*, do qual retirou, como retira, a possibilidade de ter, muito efêmero, radicado a renovação literária na cultura maranhense. Quanto ao planejamento de Estado, lhe permitiu, no afã de diagnosticar a natureza dos nossos problemas, escrever todo o seu ensaísmo histórico e econômico, preocupado em substantivar, ainda que sem o concurso das forças sociais interessadas, uma alternativa à organização produtiva regional, sob a acelerada captura do Maranhão pelo capital monopolista.

Tenho que confessar que, por entre o episódio estourar dos tumores da miséria humana, o tratamento analítico da trajetória da "Geração de 45" e do pensamento de Bandeira Tribuzi, vem me deixando mais do que o saldo positivo dos prêmios literários e dos louvores acadêmicos. Refiro-me à alegria humana de comungar semelhantes compromissos, com estudiosos do fenômeno literário da elevação internacional de um John Parker e com bibliófilos de qualidade, para mencionar o erudito pernambucano Moacir Souto Maior, diligente colecionador de escritos tribuzianos, entre outros louváveis interesses literários, nunca menores do que os de um Plínio Doyle e os de um Rubens Borba de Moraes.

Por que, talentoso como foi, não conseguiu Bandeira Tribuzi

repercussão nacional? Porque a sociedade brasileira, como todas as sociedades capitalistas, estratifica o espaço, organizada sob a lei do desenvolvimento desigual e combinado. E o autor de *Tropicália Consumo & dor*, distante dos centros culturais, foi uma vítima da periferia, possível de ser entendida a partir da inspiração sugestiva de uma dialética cultural brasileira, de "ilha" e "continente", trabalhada, para exemplificar, pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre, que reclama para si, ligado a discípulos de Georges Sorel, na juventude, a condição de anarquista: de anarquista construtivo.

O Maranhão tem, para com a memória de Bandeira Tribuzi, dificuldades a resgatar. Para comprová-lo, bastaria a referência à publicação das aguardadas obras completas, cuja promessa foi renovada, em recente entrevista, pelo Secretário de Cultura, Joaquim Itapary: foi um compromisso público, que o futuro muito considerará.

Seria de bom alvitre, enquanto não se torna realidade a referida promessa, que fosse constituída uma pequena comissão de trabalho, dirigida por D. Maria Tribuzi, com o objetivo de organizar poemas, novelas, romances, ensaios e peças teatrais, deixados, todos, em estado de manuscrito, garantindo-lhes um antecipado inventário, classificação e sobrevivência.

Quando o Brasil for descoberto, Bandeira Tribuzi será descoberto pelo Brasil. Por mais que demore, será uma demora pequena, se posta no tempo histórico. E, quando for realidade, o pensamento tribuziano será chamado à convivência cultural, na condição de um contemporâneo, porque sua mensagem literária e científica encerra, em si mesma, a ambição de um projeto humano de justiça, fraternidade e igualitarismo, que lhe permite, mesmo encantado, como o príncipe do vai-e-volta, renascer.